



# São Gonçalo

Boletim da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos

n.º 010 | abril 2024



## Uma madrugada com meio século

**Cultura** Os magos de Lagos // **Desporto** A correr e a andar



**SEMANA VERDE DE LAGOS**

*Durante as celebrações da Semana Verde de Lagos, onde escolas e instituições evocaram o Dia Mundial do Ambiente e da Água, assim como a entrada da Primavera, a Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos distribui pelas escolas do primeiro ciclo uma prenda simbólica a todos os alunos: uma garrafa de água reutilizável. Eis uma forma de evitar o uso abusivo de plásticos, tão negativos para o meio ambiente, sobretudo o marinho, dando aos mais pequenos os primeiros conceitos ambientais, fundamentais para um mundo mais verde, que todos desejamos.*



**Índice**

- 03 Editorial
- 04 Cantar dos Reis
- 06 «Tarantini», o caçador de sonhos
- 07 Gala do Desporto de Lagos
- 08 Marcha e Corrida
- 09 Volta ao Algarve em Bicicleta
- 10 Obras
- 11 Caderno: 50 Anos do 25 de Abril
- 22 Desporto de A a Z: Clube de Golfe Lagos
- 34 Património
- 35 Toponímia

*Executivo:*



**Presidente**  
Carlos Saúde  
Fernandes



**Secretário**  
José António do Espírito  
Santo Nunes



**Tesoureira**  
Neusa Eduarda  
Gonçalves Graça Rocha



**1ª Vogal**  
Olga Maria Valente  
Fazenda



**2º Vogal**  
Hugo Bento

**Ficha Técnica**

**Propriedade** Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos **NIPC** 510 837 433 **Sede (editor e redação)** Rua das Juntas de Freguesia, 12, 8600-706 Lagos **Edição** Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos **Diretor** Carlos Saúde Fernandes, Presidente da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos **Coordenação editorial e conteúdos** Miguel Sancho **Secretariado** Lurdes Messias **Paginação e Design** Francisco Espada **Periodicidade** Quadrimestral | Online **Publicação anotada na ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social**

**Contactos**

**Telefone** 282 763 827  
**Fax** 282 764 637  
**Email** geral@jfsgoncalolagos.pt  
**Site** www.jfsgoncalolagos.pt



**CENTRO DE INFORMAÇÃO AUTÁRQUICO  
AO CONSUMIDOR DE LAGOS (CIAC)**



Serviço gratuito de apoio e informação ao consumidor  
Freguesia de São Gonçalo de Lagos: Terceira sexta-feira de cada mês  
**Marcação prévia (9h30-13h) pelo 282 763 827**





**Carlos Saúde Fernandes**  
PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA  
DE SÃO GONÇALO DE LAGOS

*«Na Junta, temos consciência da importância de preservar a memória das nossas gentes, pois são essas pessoas que nos ajudam a ter uma identidade muito própria que queremos preservar e divulgar.»*

## *Celebrar Abril através de quem o viveu*

*Este número do São Gonçalo, primeiro do ano de 2024, celebra – como não poderia deixar de ser – os cinquenta anos do 25 de Abril, a revolução que mudou totalmente a face de Portugal há meio século.*

*Ao contrário do que as normas costumam ditar, sobretudo quando falamos de meios de informação institucionais, quisemos fugir dos cânones habituais e centrar este momento nas experiências individuais das mulheres e homens da nossa freguesia que viveram esses dias únicos e irrepetíveis, que marcaram os destinos do nosso País.*

*Antes de mais, queria agradecer a todas e todos os que contribuíram para este trabalho, disponibilizando o seu tempo para este registo histórico. Na Junta, temos consciência da importância de preservar a memória das nossas gentes, pois são essas pessoas que nos ajudam a ter uma identidade muito própria que queremos preservar e divulgar.*

*Para além do 25 de Abril, este número do São Gonçalo aborda ainda outros temas do nosso quotidiano, que vão desde as obras em curso, passando pelos eventos culturais, sociais e desportivos que ocorreram nos últimos meses, tudo isto sem descurar as rubricas habituais na área do património, figuras históricas ou mesmo desporto.*

*Voltando ao início, enquanto autarca que tem a honra de encabeçar o Executivo da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos neste momento histórico, só posso agradecer a todas e a todos os que continuam, dia após dia, a preservar os valores de Abril. São essas pessoas, sejam elas membros do Executivo, funcionários da autarquia ou apenas cidadãos anónimos, que nos fazem continuar a lutar para que o terceiro “D” da revolução, o Desenvolvimento, não seja letra morta e continue a ser aposta permanente de quem quer uma freguesia pujante de vida e sempre focada no futuro.*

*Hoje e sempre, viva o 25 de Abril, viva Lagos, viva Portugal.*

*Carlos Saúde Fernandes*  
*Presidente da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos*



CANTAR DOS REIS

# *Tradição revivida intensamente*

*A noite de 5 de janeiro, véspera de Dia de Reis, foi uma vez mais marcada pela forte adesão da nossa comunidade a uma iniciativa cultural que marca o calendário da nossa freguesia desde há muito. O Cantar dos Reis, em Lagos, continua a ser uma instituição...*

Se um visitante quisesse conhecer a verdadeira essência de Lagos, o Cantar dos Reis poderia ser o evento ideal para o fazer. Porquê? Porque, seguramente, em poucos momentos como este se encontra uma harmonia tão evidente entre os vários elementos que compõem a nossa comunidade, numa festa que, tendo um caráter religioso na sua base, há muito que extravasou essa baliza de fé.

Começamos por quem subiu a palco, no fundo, os homens e mulheres que dão corpo e voz a este evento. Na noite de dia 5 de janeiro, no belo espaço que é a Igreja de São Sebastião, ouviram-se as vozes e instrumentos musicais de sete grupos em representação de diversas instituições da nossa cidade e concelho: Universidade Sénior de Lagos, Clube Artístico Lacobrigense/Orquestra Ligeira de Lagos,

Grupo de Amigos do Chinicato, Rancho Folclórico de Odiáxere, Orquestra Filarmónica 1.º Maio/Grupo Coral de Lagos, Grupo Popular das Portelas e «Grupo Entre Amigos».

Ao longo da noite, as dezenas de participantes entoaram sons que remetiam para as famosas Janeiras, perpetuadas pela voz de Zeca Afonso, ou para a celebração dos três reis magos que, há cerca

de dois mil anos, segundo a lenda, avistaram uma estrela e deram as boas-vindas ao «Deus Menino».

De resto, para além de quem subiu a palco, merece referência o público que, uma vez mais, encheu a Igreja de São Sebastião, numa relação sentimental e afetiva única, típica de uma comunidade unida pelo momento e pela celebração.

No final, Carlos Saúde e toda a equipa do Executivo da Junta ofereceram o famoso Bolo-Rei aos grupos presentes, sendo que o presidente da Junta de Freguesia, acompanhado da presidente da Assembleia Municipal, Maria Joaquina Matos, e da vereadora com o pelouro da Cultura do Município de Lagos, Sara Coelho, fizeram questão de dar as boas-vindas a 2024, deixando votos de sucesso, paz e harmonia a toda a comunidade. •



**BALCÃO VIRTUAL**

[balcaovirtual.jfsgoncalolagos.pt](http://balcaovirtual.jfsgoncalolagos.pt)

# «Tarantini», o caçador de sonhos

No dia 4 de março, o antigo profissional de futebol Tarantini esteve em Lagos, a convite da Junta de Freguesia, para dar uma palestra baseada no seu livro «O caçador de sonhos». O sucesso do evento, sobretudo para o público escolar, não podia ser maior.



O auditório da Escola Secundária Júlio Dantas foi pequeno para acolher a comunidade escolar de Lagos que quis ouvir Tarantini, o Caçador de Sonhos, um grande atleta que, após a conclusão da sua carreira profissional no Futebol, se dedica agora a mostrar que não há limites para os sonhos.

Tratando-se do primeiro profissional de futebol a obter um doutoramento, Ricardo Monteiro, mais conhecido na esfera pública pelo nome de «Tarantini», explicou aos mais novos a importância de não desistir dos sonhos e de fazer escolhas assentes em pressupostos reais e não imaginários, como é exemplo a opção de muitos jovens entre a carreira académica ou desportiva.

Depois do público escolar, pela tarde, na noite de dia 4 houve lugar a nova palestra, desta vez dirigida ao público em geral, sendo que Tarantini repetiu a mensagem fulcral desta sua apresentação: caçar o sonho é vital, mas sempre com os pés assentes na terra. •



# Gala do desporto de Lagos

No último dia do mês de janeiro, o Município de Lagos voltou a organizar a Gala do Desporto do nosso concelho, num evento que lotou o Pavilhão Municipal da nossa cidade e que serviu para homenagear atletas, técnicos e dirigentes do nosso movimento associativo.



Cândido Costa, ex-internacional português e grande figura do Canal 11, foi o apresentador de um evento que voltou a ser realizado três anos depois da última edição. Na noite fria de 31 de janeiro, o calor humano sentido no pavilhão municipal por «culpa» dos mais de 300 homenageados entre atletas, clubes, associações e agentes desportivos.

É de destacar também a diversidade desportiva do nosso concelho, uma vez que foram agraciadas pessoas do Atletismo, Futsal, Patinagem, Patinagem de Velocidade, Xadrez, Jiu-Jitsu, Petanca, Triatlo, Natação, Ténis, Ténis de Mesa, Vela, Futebol, Ginástica, BTT, Judo, Surf, Andebol, Tiro, Tiro com Arco, Padel, Halterofilismo, Obediência Canina, Bilhar, Equitação (adaptada),

## LISTA DE VENCEDORES

- **Melhor Clube:** Clube Desportivo da Escola Secundária Gil Eanes;
- **Melhor Dirigente:** Mauro Santos (Dirigente da Escola Secundária Gil Eanes na modalidade de Andebol);
- **Desporto Escolar:** Sofia Riel;
- **Desporto Adaptado:** Cristina Silva (em representação da NECI, na prática de Equitação);
- **Melhor Equipa:** Equipa de Andebol de Seniores Femininos do Clube Desportivo da Escola Secundária Gil Eanes;
- **Melhor Treinador/a:** Ana Sofia Osório (Clube Desportivo da Escola Secundária Gil Eanes na modalidade de Andebol);
- **Melhor Árbitro/Juiz:** Davide Bravo (na modalidade de Patinagem de Velocidade);
- **Prémio Fair Play:** Filipe Loureiro (atleta do Roller Lagos Clube de Patinagem na prática de Patinagem de Velocidade);
- **Atleta Revelação:** Miriam Martins (Clube Desportivo da Escola Secundária Gil Eanes na prática de Andebol);
- **Melhor Atleta:** Matilde Rosa (Clube Desportivo da Escola Secundária Gil Eanes na prática de Andebol);
- **Troféu Dedicção:** Carlos Figueiras (Estrela Desportiva de Bensafrim nas modalidades de Futebol e Petanca);
- **Troféu Carreira:** Jorge Santos (Olímpico Clube de Lagos na modalidade de Atletismo).

Skimboard e Todo o Terreno (Motos), o que diz bem da múltipla oferta desportiva existente na nossa região.

Além dos diversos agentes desportivos vencedores, foi também homenageado, a título póstumo, José Fonseca, dirigente histórico do Clube de Ténis de Lagos, pela sua dedicação incondicional ao engrandecimento do desporto na nossa cidade. •



MARCHA E CORRIDA

# Tudo a mexer nas Portelas

No dia 7 de janeiro, mais de três centenas de pessoas de todas as idades e de ambos os sexos participaram em mais um grande evento desportivo a cargo da Junta de Freguesia de São Gonçalo, que contou com o apoio do Instituto Português do Desporto e da Juventude e do Município de Lagos: Marcha e Corrida.

Uns a andar e outros a correr, todos percorreram um de dois percursos possíveis (um de 5,4km e outro de 9,4km), num evento que integrou o calendário regional de marcha e corrida do Algarve e que decorreu na zona das Portelas.

Entre espaços verdes e caminhos florestais de encantar, os atletas tiveram ao longo do percurso o apoio de instituições como a GNR, os Bombeiros de Lagos e o Grupo de Escuteiros da nossa freguesia, elementos que deram uma ajuda vital na área da segurança, apoio médico e distribuição de alimentação, tudo isto numa prova com partida e chegada à sede do Grupo Popular das Portelas e onde marcaram presença o secretário da Junta, José António Nunes, e Custódio Moreno, diretor do IPDJ do Algarve. •

ATLETISMO

## 8.º Grande Prémio de Corta-Mato

No dia 10 de dezembro, teve lugar a oitava edição do Grande Prémio de Corta-Mato da Freguesia de São Gonçalo de Lagos, prova inserida no 22.º Circuito Concelhio «Cidade de Lagos» da época desportiva de 23/24 de Atletismo.

A prova, com organização da Junta de Freguesia e que contou com o apoio do Município de Lagos, decorreu na zona contígua ao Estádio Municipal de Lagos e contou com a presença de inúmeros atletas de ambos os sexos e de diversos escalões etários, num evento de promoção do desporto que contou com a valiosa colaboração da Associação de Atletismo do Algarve. •

eva  
by DECO

DECO  
SEMPRE CONSIGO

A CONSTRUIR ENERGIA  
MAIS VERDE



VOLTA AO ALGARVE EM BICICLETA

# Belga voa para vitória em Lagos

O belga Gerben Thijssen, da Intermarché-Wanty, foi o grande vencedor da primeira etapa da Volta ao Algarve em bicicleta, que se realizou no dia 14 de fevereiro, entre Portimão e Lagos.

Num dia que ameaçou chuva e onde algumas quedas marcaram a etapa, no final a força do sprinter belga improu, arrebatando a vitória na etapa e,

consequentemente, a primeira camisola amarela da competição deste ano.

No pódio, houve cerimónia de entrega de prémios que contou com a presença de Delmino Pereira, presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo, Custódio Moreno, representando do IPDJ no Algarve, Hugo Pereira e Sandra Oliveira, presidente e vereadora do Município de Lagos, e Carlos Saúde,

presidente da Freguesia de São Gonçalo de Lagos.

É de referir que a «Algarvia» acabou por ser ganha pelo também belga Remco Evenepoel, que concluiu as cinco etapas da volta com mais 23 segundos do que o colombiano Daniel Martinez, sendo que o melhor português foi Daniel Morgado, ciclista da UAE Team Emirates, que fechou o top 10. •



RUA DOM VASCO DA GAMA

## ***Novo passeio melhora circulação pedonal***

A equipa de trabalhadores da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos, num

trabalho articulado com o Município, está a concluir a construção de um novo passeio na Rua Dom Vasco da Gama, uma obra que deverá estar concluída no mês de abril.

Os trabalhos implicam, antes da construção do passeio, a instalação de cabeleagem elétrica no subsolo, bem como a colocação de infraestruturas de captura de águas pluviais. Depois disso, será então construído o passeio que virá suprir uma falha existente naquela zona

da cidade, reduzindo riscos de circulação pedonal.

Esta intervenção insere-se numa lógica de aposta na requalificação de zonas pedonais da cidade, sobretudo aquelas que se situam junto de equipamentos públicos de grande circulação de peões, como é o caso da Rua Vasco da Gama que serve, entre outras infraestruturas, a EBI Sophia de Mello Breyner ou mesmo o edifício dos Paços do Concelho Século XXI. •



## *O «dia inicial inteiro e limpo» vivido na primeira pessoa*

Neste número muito especial do «São Gonçalo», trazemos até si uma abordagem diferente do que foi o 25 de Abril de 1974. A história oficial é conhecida de todos, mas o que poucos conhecem é a forma como as pessoas daquele tempo viveram o período revolucionário e o impacto que o mesmo teve nas suas vidas.

Assim, neste caderno do 25 de Abril pusemos de lado os livros de História, as figuras maiores desse «dia inicial inteiro e limpo», como tão bem escreveu Sophia de Mello Breyner, e imergimos na memória de homens e mulheres de Lagos que, cada um à sua maneira, viveram o 25 de Abril entre um misto de espanto e esperança por um futuro melhor.

Para isso, escolhemos aleatoriamente algumas pessoas que, pelas suas idades em 1974, posição social ou

área de atividade profissional, fossem completamente díspares na forma de avaliação da revolução.

Desde dirigentes do MUD Juvenil, passando por jovens estudantes e até membros das forças armadas, tudo serviu para que pudéssemos resumir nestas breves entrevistas um pouco do que foi Abril para quem o viveu há 50 anos. Porém, não quisemos deixar também de ouvir quem foi confrontado com as responsabilidades do Poder Local Democrático, como é exemplo José Alberto Baptista, primeiro presidente do Município de Lagos eleito após a revolução dos cravos.

Agora é só recostarem-se e deixarem-se levar por esta autêntica máquina do tempo, embalados pelas palavras de lacobrigenses que, cada um de sua forma, viveram um dia marcante nas vidas de todos os portugueses, sem exceção. •

50 ANOS DO 25 DE ABRIL

# *A revolução que tudo mudou*

**Qualquer semelhança entre** o Portugal de 1974 e o país que hoje conhecemos 50 anos depois é quase uma mera coincidência. Meio século de vida, com ou sem uma revolução, produziria sempre mudanças substanciais, é certo, mas não é menos verdade que a transição de uma ditadura desgastada e já fora de tempo para a incorporação numa Comunidade Europeia moderna e global, naturalmente que teria de ter impactos.



Os dados são oficiais (INE) e por isso impossíveis de contestar. Em termos económicos, a Balança Comercial do nosso país passou de um deficit de 11,6 para um saldo positivo de 1,2% do PIB. As mulheres, que em 1974 tinham em média o primeiro filho aos 24 anos de idade, passaram a tê-lo aos 31, muito por «culpa» da escolarização, que passou de 5% de estudantes no ensino secundário para 88% na atualidade. Se formos ao Ensino Superior, a diferença é ainda mais gritante: de 81582 alunos em 74, passamos para 446 mil na atualidade.

Mas as diferenças não se ficam só por aí. No Turismo, por exemplo, Portugal passou de 9,4 milhões de visitantes anuais para um total de quase 70 milhões. O salário mínimo, que hoje é de 820€, era em 1974 de... 16€, apesar de ser necessário proceder aqui ao ajuste da inflação. Ainda assim, números redondos, pode-se dizer que estes 16€ em 1974 representariam hoje algo como 612€. Em matéria ambiental, o salto qualitativo é gigante, uma vez que não havia tratamento de resíduos nos anos 70 (tudo era enviado para lixeiras a céu aberto), enquanto que hoje a reciclagem, os aterros e ainda a valorização orgânica e energética têm um peso total no tratamento de resíduos.

Pela negativa, só mesmo a questão demográfica. Em 1974 a pirâmide etária nacional apontava para 10% da população acima dos 65 anos, sendo que atualmente este número de cifra nos 24%. Na base, Portugal tinha 28% de pessoas abaixo dos 14 anos aquando do 25 de abril, sendo que hoje representam pouco mais de 13%. Esses dados, traduzidos em nascimentos, reportam que hoje nascem cerca de 83 mil crianças por ano, quando em 1974 eram mais de 171 mil.

### A VIDA PARA LÁ DOS NÚMEROS

Ainda assim, há uma outra realidade que os números não mostram e que só as pessoas que viveram o Estado Novo podem descrever. Falamos da Liberdade, quer a de expressão, quer a da imprensa, por exemplo, mas também muitos outros fatores determinantes para a vida de cada um, como é exemplo maior a descolonização e o fim de uma guerra de 13 anos que ceifou muitas vidas de ambos os lados do conflito.

Tão ou mais importante que o fim

da «Guerra de África», o 25 de Abril trouxe com ele a Democracia, ou seja, o voto livre e universal que permitiu aos portugueses serem senhores do seu destino, quer a nível nacional, quer a nível local. Com esses dois «D» da revolução cumpridos, faltava o terceiro, o «D» de «Desenvolvimento», sendo que esse acabou por ficar plasmado quando, em 1986, a entrada de Portugal na então Comunidade Económica Europeia (CEE), levou o país para outros patamares que só têm paralelo há muitos séculos, quando o país era dono de um império transcontinental.

Pode-se por isso dizer que o 25 de Abril mudou tudo e mudou toda a gente que o viveu e até quem nasceu depois dessa manhã de cravos. Concorde-se ou não com a decisão dos capitães, é incontestável a importância histórica da data. Por isso, 50 anos depois desse dia que tudo mudou, continua a valer a pena celebrar o 25 de Abril e tudo o que foi conquistado a partir dessa manhã «inteira e limpa», onde o povo «emergiu da noite e do silêncio», habitando agora «livre na substância do tempo». •



CARLOS CABRAL O SENHOR ATLETISMO DE LAGOS

# «Fui apanhado de surpresa com o 25 de Abril»

**Parece quase impossível** imaginar um militar que, no dia 25 de abril de 1974, estivesse em Lisboa e não desse pela revolução. Parece, mas não é, porque esse homem existe mesmo. Chama-se Carlos Cabral, é considerado o pai do atletismo lacobrigense, e a razão desse alheamento total da realidade política e social tem uma explicação: só o Desporto importava.



Nasceu em Lagos, na Rua dos Ferreiros, a 20 de junho 1952, filho de uma mãe monchiquense e um pai lacobrigense. Estudou na escola primária do Bairro do Operário, e na Escola Industrial e Comercial de Lagos, onde tirou curso de carpinteiro e marceneiro. Porém, desde cedo se percebeu que o futuro do jovem Carlos estava nas suas pernas, mais precisamente na forma como elas se mexiam rumo à meta. Começou a praticar atletismo na Mocidade Portuguesa, com apenas 12 anos, e não mais parou, sendo que pelo meio correu e venceu com os melhores, a ponto de fazer parte da melhor equipa portuguesa de corta-mato, o Sporting de Lopes e Mamede, que venceu tudo o que havia para vencer sob comando do eterno Moniz Pereira.

## Como surgiu o atletismo na sua vida?

Quando era jovem só havia atletismo em Lagos através da Mocidade Portuguesa. Como eu gostava muito de todos os desportos, comecei a correr e a jogar futebol, uma vez que também fui guarda-redes no Esperança de Lagos. Em Lagos não

havia infraestruturas especializadas, nem pista, e por isso a opção era o corta-mato ou corrida de estrada, já que não havia outras condições favoráveis para a prática de atletismo.

## Como era Lagos na sua infância e juventude?

Para um miúdo como eu, a cidade parecia enorme, mesmo sem o ser. As pessoas conheciam-se todas e divertiam-se nos momentos de festa na cidade. Era um ambiente diferente, tal como a escola também o era, pois a lógica era aprender um ofício e começar a trabalhar o quanto antes.

Era tudo muito mais prático e menos teórico. Já havia turismo, mas nada comparável com o que é hoje, até porque a maior parte de nós não falava línguas e a interação com os estrangeiros era muito limitada. Sentíamos que estávamos longe de tudo, aqui neste cantinho cheio de Sol e de Mar...

## O atletismo serviu para conhecer o resto do mundo...

Fui para o meu primeiro campeonato nacional e participei em duas modalidades:

1500 metros e tripló salto. Ganhei ambas e nesse ano ganhei também o corta-mato nacional de juvenis. Não era comum os atletas participarem em duas modalidades de atletismo, muito menos ganhassem, e isso foi encarado com estupefação pelos dirigentes nacionais da altura. Foi aí que tive de optar entre o Futebol e o Atletismo. Em 1969 fui para o Sporting e, sem dúvida alguma, foi o Desporto que me abriu portas para o mundo.

## Como era essa Lisboa que conheceu a poucos anos da revolução?

Fui viver num quarto com o Fernando Mamede, que tal como eu vinha do interior, em plena baixa, junto à antiga sede do Sporting. Sentia-me um provinciano, espantado com a dimensão de tudo aquilo. Era tudo novo e especial, mas o mais importante para mim era correr e mostrar o meu valor. Como só pensava em Atletismo, não espanta que tenha casado apenas um ano depois com alguém que também era atleta do Sporting.

## Quando chegamos a 1974, o Carlos está mesmo no olho do furacão...

Depois de uma digressão por África,

em 1973, começo o meu serviço militar obrigatório, onde fiquei até novembro de 1975. Mas eu via a tropa apenas como algo que tinha de fazer, nunca uma opção de vida. O meu trabalho passava por gerir o parque automóvel do Exército, mas eu só pensava em tempos, em melhorar registos e vencer competições. Tudo o resto passava-me ao lado e quase nem dava pelo 25 de Abril...

### Como assim? Era militar, estava em Lisboa e não se apercebeu de nada?

A política nunca foi algo a que eu desse importância na minha vida. Estava totalmente focado no Atletismo e, por isso, quando acontece o 25 de abril fui apanhado completamente de surpresa. Confesso que, mesmo depois do Golpe das Caldas, de que ouvi falar, nunca acreditei que seria possível uma mudança de regime.

### E nada mudou a partir desse dia?

No meu dia-a-dia não. Continuei a fazer o que fazia, pois só mudaram os oficiais. Claro que o ambiente mudou, mas para mim a transição foi simples e não senti insegurança ou instabilidade. Mais importante do que tudo, a minha relação com o Desporto e com o Sporting manteve-se inalterada e continuava a treinar com a mesma dedicação de sempre.

### Entre os atletas, a política era discutida?

Nem por isso. Eu e os outros atletas do Sporting dessa altura não estávamos interessados na política. As conversas



eram muito relacionadas com o desporto e mesmo os dirigentes não falavam de política com os atletas.

### Depois deu-se o regresso a Lagos...

Regressei em 1980, a convite do Esperança de Lagos, para treinar e ser atleta no clube. Cheguei a treinar mais de 50 atletas, rapazes e raparigas. Foram anos com muitos êxitos e com treinos bastante diferentes, que divertiam os atletas e que os fazia ganhar resistência física.

### Notou diferenças, face ao antigo regime?

Sabíamos que havia muito por fazer em termos desportivos, pois as condições ainda não eram as melhores, mas tudo se foi fazendo. Senti nessa altura a importância do 25 de Abril para o Desporto, pois a

revolução libertou as pessoas também para a prática desportiva. A Câmara, nesse campo, teve um papel decisivo, nomeadamente apoiando os clubes locais.

### Que balanço faz destes 50 anos de Democracia?

O 25 de abril deu oportunidade à cidade de Lagos de se modernizar. Olhando para trás, percebe-se que foi muito bom para todos. Hoje temos infraestruturas, como o estádio, a pista, pavilhões escolares ou o nosso complexo desportivo, sendo uma cidade muito bonita e muito bem tratada. Gosto muito de viver em Lagos e aconselho todos a conhecerem e habitar nesta cidade. Sim, valeu a pena o 25 de Abril, não só porque agora há liberdade, mas porque finalmente o Desporto hoje é mesmo para todos. •

**MARIA JOSÉ CARRASQUINHO** PROFESSORA DO ENSINO BÁSICO

## «Andei a cantar a Grândola nas ruas de Odemira»

*Nascida em Lagos em 1951, Maria José Carrasquinho era uma jovem professora em início de carreira quando o seu mundo mudou na madrugada de 25 de abril de 1974. Fomos saber como é que uma mulher, com carreira académica feita, sentiu a mudança de regime e de que forma isso influenciou a sua forma de ser.*

O mundo tinha entrado na segunda metade do século XX quando, em Lagos, na Rua Nova da Aldeia, nascia Maria José Carrasquinho. Aos quatro anos seguiu o pai, mestre de traineiras, para Angola. Porém, ainda no final dos anos 50 haveria

de regressar à sua terra natal, onde seguiu para a Escola Industrial num percurso escolar que haveria de a levar ao Magistério Primário de Faro e, depois, a uma carreira docente que marcou a vida de muitas crianças em Lagos e não só.

### Como foi a sua infância?

Foi uma infância feliz, sem abundância, mas com alegria. Vivi os primeiros anos em Lagos, depois em Angola, e voltei a Lagos em 1959 pois tinha acabado de rebentar a guerra no antigo Congo

Belga. Encontrei uma cidade com muito comércio, muita vida e uma escola industrial que era o caminho certo para quem não tinha capacidade económica para ir para o Liceu de Portimão.

### Uma Lagos bem diferente da atual...

Era sobretudo uma cidade que vivia da pesca, das conservas e de alguma agricultura. Não se falava muito de política, pelo menos em minha casa, e só mais tarde percebi algumas coisas que, para uma criança como eu, passavam um pouco ao lado. Havia pobreza e alguma fome, mas isso não era diferente do resto do país.

### Quando sentiu o peso do regime?

Acima de tudo no Magistério Primário, onde se percebia que quem tinha dinheiro era tratada de outra forma pelos professores. Em Lagos, na Escola Industrial, nunca senti, até porque os professores que tive eram excelentes e concentravam-se no que era importante, ou seja, formar as novas gerações.

### A consciência política só chegou mais tarde?

Sim, só depois do 25 de Abril. Claro que havia a questão da guerra, que estava sempre presente, mas consciência política a ponto de saber onde me situar, só mesmo depois da revolução.

### E como viveu esse dia?

#### Foi aqui em Lagos?

Não, na altura estava em Odemira a dar aulas. Era professora de uma turma masculina do 1.º ciclo e, quando saí de casa, senti que havia alguma coisa estranha no ar. Havia muita gente a murmurar pelos cantos em pequenos grupos, mas ninguém se atrevia a falar. Acabou por não haver escola naquele dia e fomos para casa tentar perceber o que se estava a passar em Lisboa. Mais tarde, eu e umas colegas acabámos por comprar jornais e, depois de entendermos o que se passava, fomos andar nas ruas de Odemira a cantar a «Grândola, Vila Morena».

### Sentiu a mudança logo?

Não, nada disso. Penso que a revolução foi mais sentida nas grandes cidades do que no interior. Nos dias seguintes, acabou por não mudar nada, porque a máquina do Estado – e da Educação em particular – ainda demorou algum tempo para mudar. Claro que, para os



rapazes, aí sim sentiu-se logo porque muitos perceberam que já não teriam de ir para a Guerra em África.

### Enquanto mulher, como sentiu esse momento?

Curiosamente, foi até mais pela minha mãe que senti essa questão feminina. Percebi que ela estava muito feliz por tudo o que aconteceu, talvez por perceber que, com o novo regime, eu não iria passar pelo que ela passou, sobretudo pela forma como as mulheres serviam os homens, primeiro os pais, depois os maridos.

### Depois vieram as mudanças na Educação. Como viveu tudo isso enquanto docente?

As mudanças foram graduais mas, confesso, a grande mudança só aconteceu com a chegada das novas tecnologias. Claro que mudaram programas e a forma como se davam as aulas, nomeadamente a questão dos castigos e das humilhações, tipo orelhas de burro, que não faziam qualquer sentido. Hoje a Escola sabe receber e integrar quem é diferente, não se limitando a punir quem anda a um ritmo diferente dos demais.

### Ainda há muito para mudar?

Penso que sim, sobretudo a forma como o sistema da Educação continua a ser muito burocratizado. Os avanços têm sido mais lentos do que supunha. Falta muito apoio em casa e um complemento das famílias para dar força a conceitos como o respeito, a solidariedade e aprender conceitos básicos de cidadania. Algo que mudou, mas pela negativa, foi



o desprestígio que hoje se sente na carreira docente. Quando comecei a minha vida profissional, ser professora tinha um estatuto na sociedade que se veio a perder com o tempo.

### Qual a real importância do 25 de Abril?

Foi um marco muito importante para o nosso país, nunca esquecendo que há valores como o respeito e a tolerância que são vitais em qualquer regime político. Sinto que tudo mudou no País e aqui em Lagos, muito em particular, sobretudo com o advento do turismo que trouxe muito desenvolvimento, mas também a perda de alguma identidade.

### Como imagina Portugal daqui a 50 anos?

Espero que continuemos em Democracia. O mundo dá muitas voltas, é certo, mas quero acreditar que a Democracia veio mesmo para ficar. Por isso é tão importante recordar Abril. •

# «Com 16 anos tomei conta do MUD Juvenil em Lagos»

**Jacinto Cuco, tem** hoje 94 anos e, por isso, viveu o 25 de Abril como adulto, com 44 anos de idade. Nasceu em 1930 numa cidade de Lagos muito diferente da atual, onde não havia Turismo nem dinheiro. Órfão de pai, viu o irmão preso quando tinha apenas 19 anos e aí percebeu que o Estado Novo teria de ser combatido. Fez parte do MUD Juvenil logo após a segunda guerra mundial e foi sempre um opositor à Ditadura de Salazar. Fomos falar com um dos decanos da nossa região, alguém que correu mundo para um dia regressar à cidade que o viu nascer.



## Como foi a sua infância nessa Lagos dos anos 30?

Foi uma vida muito difícil, porque a minha mãe fazia comida para fora e só tinha uma pequena «tasca» de onde vinha o dinheiro para toda a família. Assim que fiz a quarta classe fui trabalhar, primeiro como marceneiro, depois ferrador e até na construção naval. A minha professora queria que eu frequentasse a Igreja mas nem eu nem a minha mãe acreditávamos muito naquilo, pelo que andei sempre longe de igrejas...

## Confrontou-se com os males do Estado Novo muito cedo...

O meu irmão mais velho era do PCP e foi preso pela PIDE em 1949 e a minha mãe sofreu muito, tendo até passado dias sem comer. Esteve preso em Caxias e aí percebi o que era o regime. Um ano depois, após a morte da minha mãe, também eu recebi o aviso que estaria na calha para ser preso...

## Mas antes disso já estava do lado de quem contestava Salazar...

Sim, porque aos 16 anos fiquei a tomar conta do MUD Juvenil aqui em Lagos, onde era responsável pelas cobranças. Depois fui cumprir o serviço militar obrigatório mas mantive contacto com o MUD e o MDP. Nessa altura sabia que era vigiado por ter contacto com algumas pessoas e facilitar encontros onde se debatia o futuro.

## Como era vivido o Estado Novo em Lagos?

Tudo era controlado pelo regime, desde as escolas, à câmara, passando pelas forças de segurança. Sabíamos dos agentes da PIDE que aqui viviam e até quem eram os bufos de serviço. Os únicos locais onde havia alguma liberdade eram alguns clubes e as bibliotecas que serviam para as pessoas poderem aceder à Cultura, como foi exemplo a Biblioteca que ajudei a organizar na Filarmónica Lacobrigense 1.º de Maio.

## No meio de tudo isso, como viveu o dia 25 de abril de 1974?

Vivia em Lisboa, tinha muito trabalho na altura e não estava por dentro de nada do que se estava a passar. Quando saí de casa, percebi que tinha acontecido algo mas, ao princípio, ninguém sabia o que era. Quando percebi, fiquei obviamente muito feliz.

A partir daí, a minha vida mudou radicalmente para melhor. Convidaram-me para trabalhar na Associação de Amizade Portugal-Cuba e, no decurso destas funções, tive oportunidade para viajar, conhecer o mundo e trabalhar como guia e intérprete para visitas turísticas a Cuba e à União Soviética.

## E ainda teve funções autárquicas em Lagos...

Sim durante o PREC fiz parte da Comissão Instaladora da Câmara Municipal de Lagos pelo MDP-CDE e em 1976 fui eleito para a Junta de Freguesia de Santa Maria. Em Lagos só



fiz parte do MDP-CDE, mas em Lisboa integrei mesmo o PCP, acabando por sair depois de alguns conflitos com alguém que trabalhava para o partido, mas que não era tão honesta quanto eu achava. Sempre fui contra isso e sempre lutei contra pessoas que aproveitavam o seu estatuto para fins pessoais.

**Quando se deu e como foi o regresso à sua terra natal?**

Foi só em 2005, depois de passar 25 anos em Lisboa. Notei logo que a cidade estava diferente, para melhor, com muito mais turismo, mas com

a sua identidade intacta. É verdade que nada tem a ver com a cidade da minha infância, mas continua a ser o meu cantinho.

**O que tem mais saudades desse tempo revolucionário?**

Da forma como as pessoas trabalhavam em conjunto. Lembro-me bem do primeiro 1.º de Maio em Liberdade e de como olhávamos para o futuro cheios de esperança. Estive lá, com mais de um milhão de pessoas, a celebrar Abril e a Liberdade. São memórias únicas que não mais irei esquecer. •

**FRANCISCO CASTELO** FOTÓGRAFO E GUARDADOR DE MEMÓRIAS

*«O que foi realmente importante foi a conquista da liberdade de expressão»*

**O nome de** Francisco

*Castelo confunde-se com a fotografia lacobrigense, ou não estivéssemos a falar do responsável pela Fototeca Municipal. Nascido em Olhão, no início da década de sessenta, veio viver para Lagos com apenas dois anos de idade e foi na nossa cidade que viu, enquanto jovem, um país a mudar. Falámos sobre o que foi o 25 de Abril para um jovem de 13 anos em 1974 e o impacto que esse momento histórico teve ao longo da sua vida.*



**Como era a cidade de Lagos nos anos 60 quando era criança?**

A zona ribeirinha, sobretudo a Avenida dos Descobrimentos, era muito imponente para uma criança. Recordo-me das casas de comércio, as poucas existentes, sobretudo as que tinham contacto com a fundição de chumbo da minha família, e as adegas que o meu pai frequenta-

va, além dos armazéns dos armadores de pesca.

**Uma cidade tipicamente algarvia...**

Sim, uma cidade virada para o mar, muito marítima. O mundo rural estava muito longe do que era a sua realidade. Já havia algum Turismo na cidade e havia estrangeiros a descer a rua onde eu vivia...

**Turistas e militares, que sempre marcaram presença em Lagos...**

Sentia, enquanto crescia, que havia uma certa cumplicidade entre a vida da cidade e a presença dos militares em Lagos, pois era comum vê-los por aí e todos podiam interagir com eles.

**E como era a Educação em Lagos**

**no Estado Novo?**

A Educação tinha uns métodos pedagógicos bem diferentes dos que existem hoje, sendo que depois do 25 de abril alguns destes métodos continuaram, apesar de serem alterados pela anarquia que se viveu logo a seguir. A Educação tinha um aspeto autoritário, os alunos eram oprimidos e o Estado estava sempre presente.

**Sentia-se essa presença autoritária assim tão nitidamente?**

Vou contar uma história que ajuda a perceber o que digo. Um dia, quando andava no terceiro ano, encontrei na rua uns livros de banda desenhada, no caminho para a escola. Já na escola, decidi espreitar os livros, mas, mesmo antes de os conseguir ler, o professor confiscou tudo. Este professor tirou-me a liberdade de poder ler aqueles livros. Foi nesse momento que senti verdadeiramente o regime na escola e na minha vida.

**Apesar de jovem, percebeu que o regime estava débil?**

A noção que alguma coisa não estava bem tive no dia do anúncio da substituição de Salazar pelo Marcelo Caetano. Nesse dia, fiz um comentário com a avó de um colega, que tinha ouvido em casa - «Agora temos um novo Presidente do Conselho, mas este também não dura muito.». Fui logo repreendido pela senhora com a frase comum: «isso não se diz».

**Como soube do que tinha acontecido em Lisboa?**

Foi na Escola. Ouviram-se de manhã alguns rumores, mas ninguém percebia



bem o que se estava a passar. Pela hora de almoço fomos todos mandados para casa e apenas nos dias subsequentes conseguimos entender realmente aquilo que tinha acontecido.

**E como foi o pós 25 de Abril, que o apanhou em plena juventude?**

Tomando como exemplo os meus amigos mais velhos, decidi ser anarquista. Os meus amigos juntaram-se a movimentos de esquerda, mas como eu era mais novo, era mais inovador e resolvi assumir-me como anarquista, mas sem grande envolvimento político, apenas vontade revolucionária própria da idade.

Os dois anos do PREC foram de grande instabilidade, com muitas greves, com momentos em que o povo queria que as empresas fossem nacionalizadas, em que a disparidade salarial entre homens e mulheres era muito alta e as mulheres, na indústria conserveira algarvia, queriam os seus salários aumentados e queriam que as suas competências lhes fossem reconhecidas.

**Havia pobreza?**

A pobreza era muito evidente, havendo pessoas a baterem às portas a pedir comida. Lagos tinha um bairro de lata e as condições em que muitas pessoas viviam era muito más.

**O que mais o marcou do 25 de Abril?**

A conquista da liberdade de expressão. O poder que algumas pessoas evidenciavam sobre quem trabalhava era muito grande e não podiam ser confrontadas pois haveria represálias. O que o 25 de abril trouxe foi a liberdade de expressão, que advém de se

poder pensar e agir com a nossa própria cabeça. Esta foi a principal mudança que o 25 de abril trouxe. Isto é que foi realmente importante.

**E que Lagos é esta, cinquenta anos depois?**

Lagos é hoje outra cidade. Expandiu-se, como aconteceu a muitas cidades, mas sobretudo pelas pessoas. Hoje, é uma cidade do mundo, com pessoas de todo o mundo e não apenas lacobrigenses. Nem tudo aconteceu imediatamente. As mudanças foram graduais no tempo e com fórmulas de algo que já se sabia que podia funcionar. Lagos é uma cidade que funciona como uma estrutura viva, sempre em evolução.

**Valeu a pena lutar pela Democracia?**

Não vale a pena sonhar que existe algum sistema melhor do que a Democracia, porque não existe. É melhor porque suscita a participação, mas é também mais difícil pelo desafio que a todos nos coloca. •



**JOSÉ ALBERTO BAPTISTA** O PRIMEIRO AUTARCA EM LIBERDADE

# «Hoje parece que se brinca com a Democracia, mas ela é muito frágil»

**FOI POR CONTA** da profissão que tinha, como bancário, que José Alberto Baptista atravessou todo o País, desde Macedo de Cavaleiros até Lagos, para aqui se estabelecer em 1970. Antes disso, quatro anos de tropa, dois deles na Guerra em Angola, moldaram-lhe o espírito e as convicções políticas para sempre. Num número tão especial como este, não podíamos deixar de falar com o primeiro presidente de Câmara eleito após o 25 de Abril e perceber melhor o impacto que a revolução dos cravos teve na sua vida e da nossa cidade, nesses tempos conturbados onde tudo estava para fazer e os sonhos estavam longe de ser cumpridos.



## Como é que um transmontano acaba em Lagos?

Nasci em Macedo de Cavaleiros, no coração de Trás-os-Montes, e depois de uma infância e juventude normais, acabei por começar a trabalhar na banca. No final dos anos 60, surgiu a hipótese de vir ocupar uma vaga existente no Carvoeiro e, um pouco mais tarde, em Lagos. Foi por isso que vim, trazendo a família, numa viagem de carro que durou 15 horas, com a casa às costas.

## Que cidade encontrou?

Nesse início dos anos 70, Lagos já era uma cidade muito diferente do que estava habituado em Trás-os-Montes. Já havia algum turismo, pois as primeiras unidades hoteleiras já existiam e o campismo era muito popular. Sentia-se um clima diferente no Algarve, em comparação com o interior do país.

**Mas antes dessa epopeia, já tinha tido outra, com a**

## farda militar no corpo...

Sim, é verdade. Estive dois anos em Angola, dos quatro que tive no exército. Foi um período vital na minha vida, sobretudo na tomada de consciência política. Foi essa experiência traumática que fez com que muitos, como eu, questionassem o regime. Ainda hoje estou convencido que, se não houvesse guerra, o 25 de Abril teria acontecido muito mais tarde do que aconteceu. Pensei muitas vezes, quando estava em Angola, «o que



«Ainda hoje,  
para muitos,  
é difícil de falar  
da guerra»

é que eu estou aqui a fazer?». Aquilo esteve longe de ser um passeio. Ainda hoje, para muitos, é difícil de falar da guerra, sobretudo os que estiveram na Guiné e no norte de Moçambique.

**Voltemos então a Lagos.  
Essa consciência política  
traduziu-se em ações?**

Posso dizer que sim, uma vez que estive na génese a criação de uma pequena célula do Sindicato dos Bancários aqui em Lagos. No Estado Novo, pertencer a um sindicato não era fácil.

**Qual o momento em que  
percebeu que algo iria mudar?**

Talvez tenha sido num momento *sui generis*, que foi a inauguração da estátua de Dom Sebastião, do João Cutileiro, alguém com quem tive uma grande relação de amizade. Gostei muito daquela peça, ao contrário das pessoas do regime, e percebi que era um primeiro sinal da mudança que estava para chegar.

**Como viveu o 25 de Abril?**

O sinal já tinha sido dado com o golpe das Caldas, a 16 de março. As pessoas estavam muito insatisfeitas e isso viu-se bem pela forma como milhares de pessoas se juntaram, de forma espontânea, para derrubar o regime. No meu caso em concreto, o dia 25 de Abril de 1974 foi normal, porque o banco nem sequer fechou e continuei a trabalhar normalmente. Mas sabíamos que nada seria como anteriormente...

**Também estive na Praça Gil  
Eanes no dia 27 de abril?**

Estive sim, um dia especial e muito diferente. Sabíamos que havia muita gente politizada em Lagos e não me surpreendeu o facto da maioria da população ter vindo para a rua. Foi nesse dia que ouvi o slogan «nem mais um soldado para as colónias» ou o «abaixo o fascismo».

**Como foi o PREC em Lagos?**

O 11 de março de 1975 foi complicado. Acabei por ter um papel de fazer pontes entre a então Comissão Administrativa da Câmara e os militares aqui em Lagos. A força política do PCP era muito forte e houve alguns momentos em que perderam a noção do impacto das decisões que estavam a tomar. Foi uma altura em que foi preciso ser muito criterioso e lidar com as pressões de todos os lados.

**Em 1976, chega então à  
Câmara Municipal. Que  
estrutura encontrou?**

Qualquer comparação com o que é hoje um Município é mera coincidência. Devíamos ter pouco mais de cem pessoas a trabalhar, mas muitos deles estavam no Serviços Municipalizados. Tudo era muito arcaico, porque as Câmaras Municipais da altura eram equivalentes ao que são hoje as juntas, quer em termos de dimensão, quer de competências. Tivemos de construir tudo quase a partir do zero...

**Ninguém imaginava sequer  
o que era um Plano Diretor  
Municipal ou uma ETAR...**

Tive a felicidade de ter algumas pessoas que me deram uma grande ajuda, sobretudo em matérias legais e judiciais.





Se não fosse isso, teria sido muito mais difícil. Ninguém sabia como fazer perante o novo quadro legislativo, mas sabíamos bem quais os problemas que tínhamos de resolver, sobretudo a habitação, o saneamento básico e o urbanismo. Foi ainda no meu tempo que avançámos com a construção da ETAR, um equipamento vital. Quanto à habitação, o Município comprou mais de cem hectares de terrenos, que foram fundamentais para que as cooperativas de habitação pudessem resolver os problemas mais urgentes.

#### **Devem ter sido tempos desafiantes...**

Foram sim, mas nesse campo, felizmente, tínhamos em Lagos o Arquitecto José Veloso, um homem muito extremado em termos de posições políticas, mas um profundo conhecedor do que era um Município. De facto, o PCP tinha um conhecimento muito concreto da forma como se deveria gerir uma autarquia e o seu contributo, pelo menos para nós, foi muito importante. Foi em Lagos que se fez o primeiro Plano de Gestão Urbanística do País e, quando começámos com o primeiro PDM, só havia um em todo o território.

#### **Supõe-se que, num território tão apetecível como Lagos, as pressões tenham sido muitas...**

Acho que ninguém tem noção da dimensão dessa pressão. Isso sentia-se em tudo, quer nos terrenos que muitos empresários queriam para construir hotéis junto ao mar, até às dificuldades que sentimos na reconversão da baixa da cidade, como por exemplo o momento em que decidimos transformar a Rua das Portas de Portugal em zona pedonal. Nessa altura disseram-me que essa obra nos iria custar a derrota nas eleições. Foi assim, de facto, mas não me arrependo de ter ordenado a sua execução. Hoje, penso que todos são favoráveis a essa mudança.

#### **E isto tudo com poucos recursos...**

A primeira lei do financiamento das autarquias locais é de 1979 e só aí as coisas pareciam começar a melhorar. O problema é que, pouco tempo depois, devido à crise petrolífera, chegou o FMI e os cortes foram enormes. Tínhamos de fazer omeletes sem ovos...

#### **Por outro lado, tinham um movimento associativo e cooperativo muito forte. Foi importante?**

Sim, bastante. Em Lagos sempre houve muitos clubes e associações que desempenhavam um papel vital na promoção da Cultura e do Desporto, por exemplo. Quanto às cooperativas de habitação, posso dizer que sem elas seria impossível resolver os problemas que a cidade sentia nos anos 70 e 80.

#### **Olhando para trás, como avalia todo este percurso?**

Penso que foi muito positivo. Enquanto autarca, tenho orgulho de poder dizer que deixei Lagos com uma imagem e identidade próprias, não permitindo que fosse descaracterizada em termos urbanísticos, como aconteceu com outras cidades algarvias. Tudo isso foi possível por ter havido a revolução. Sem o 25 de Abril, não era possível estarmos como estamos hoje, sendo um Estado de Direito em pleno espaço europeu. O 25 de Abril foi uma alegria por tudo o que nos deu, mas é também uma tristeza, como diz Lúcia Jorge. Hoje parece que se brinca com a democracia, mas temos de perceber que ela é muito frágil. Temos de a alimentar e, nesse aspeto, preservar a memória é muito importante. •



**DEMÓSTENES MESQUITA** SARGENTO-MOR DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

# «No dia 25 de Abril, não sabia rigorosamente de nada do que se estava a passar»

**Se um dos** motivos para a queda do regime no dia 25 de abril foi a guerra colonial, nada melhor do que falarmos com alguém que percorreu todos os teatros de operações ao longo da sua vida profissional. Falámos por isso com Demóstenes Mesquita, Sargento-Mor do Exército Português na reserva, um lacobrigense que esteve no Estado Português da Índia, meses antes da perda desse território para a União Indiana, mas também em Moçambique, Angola e Guiné, onde de resto estava quando se deu a revolução. Uma história de vida, dita na primeira pessoa, de alguém que, aos 87 anos, conserva na memória todas as datas importantes da sua longa vida dedicada às armas e... à música.

**Não é muito normal, nos dias que correm, mas a verdade é que a sua família era mesmo toda lacobrigense...**

É verdade. Pais, avós e bisavós, são todos de Lagos. Eu nasci aqui, em 1936, na antiga freguesia de São Sebastião. O meu pai era funcionário da câmara e a minha mãe doméstica, como era hábito naquela altura.

*«Quando  
cheguei a  
Moçambique  
(1961)  
não havia  
guerra e tudo  
estava muito  
tranquilo»*



**Um pai que fica para a história de uma das mais antigas instituições da cidade...**

Sim, o meu pai foi um dos fundadores da Orquestra Filarmónica 1.º de Maio. É um orgulho muito grande e, ainda hoje, tento continuar o legado dele, sendo que o meu filho também é músico e, por isso, a continuidade está assegurada.

**O que recorda de Lagos dos anos da sua infância e juventude?**

Nos anos 40 e 50, Lagos era uma cidade piscatória ligada às grandes fábricas de conservas de peixe. Tínhamos uma liberdade que hoje não há, porque jogávamos à bola na rua. Não havia praticamente carros e a cidade era muito mais pequena do que é hoje.

**Como foi o seu percurso escolar e profissional?**

Fiz a instrução primária na Escola Conde Ferreira, hoje sede da Filarmónica, e depois fui para a Escola Industrial Vitorino Damásio, como se chamava na altura. O ensino, claro está, era separado por sexos. Meninas de um lado, meninos do outro. Lembro-me que algumas professoras batiam demasiado. Mais tarde, fiz o Curso de Aprendizagem de Comércio, que me deu equivalência ao segundo ano, e fui trabalhar para a farmácia da Associação «A Lacobrigense», que na altura era na baixa da cidade.

**Já sentia a presença do regime na sua vida?**

Sentia, acima de tudo, a presença da PIDE, que tinha uma camioneta com caixa de madeira ripada, amarela e castanha. Sabíamos quem eram os pides e quem eram os bufos. Sabia-se também que, de quando em vez, alguém era levado por eles.

**Como surgiu a vida militar?**

Em Lagos, a presença dos militares sempre se fez sentir por causa do quartel e eu tinha muitos amigos que tinham seguido por essa via. Não estava feliz na farmácia e foi com alegria que assentei praça no dia 2 de abril de 1955, aqui em Lagos. Fiz um curso de sargentos milicianos em Tavira e, como obtive boa nota, voltei para Lagos. Estive aqui quatro anos, até 1959, onde concorri num concurso para Furriel do quadro.

**As aventuras começaram aí...**

Sim, porque em 1959 embarquei para a Índia Portuguesa, assim se chamava na altura, ou seja, rumo a Goa. Voltámos em março de 1961, pouco tempo antes da invasão da União Indiana ao território, que aconteceu no final desse ano.

**Percebeu que a perda desses territórios estaria para breve?**

Não, porque pouco contacto tínhamos com os locais. Estávamos ali

numa missão, que era defender um forte que funcionava também como prisão. À parte disso, eramos miúdos e queríamos ir ao cinema, jogar futebol com os amigos e divertirmo-nos quando podíamos. A política não era assunto entre nós...

**O que se seguiu depois?**

Estive quatro meses em Portugal, onde casei, e parti para mais uma comissão, desta vez em Moçambique, para onde fui acompanhado da minha mulher. Estivemos em Nampula e numa zona próxima da então Lourenço Marques, hoje Maputo.

**O que sentiu em Moçambique? Percebeu que as coisas aí também poderiam entrar em erupção?**

Nada disso, muito pelo contrário. Quando cheguei não havia guerra e tudo estava muito tranquilo. Apesar disso, houve coisas que vi de que não gostei, como uma separação entre as tropas portuguesas vindas da metrópole e as tropas portuguesas indígenas. Aquilo para mim nunca fez sentido nenhum.

**Fez várias comissões de serviço um pouco por todas as antigas províncias ultramarinas...**

Voltei de Moçambique em 1964 e parti de novo para uma nova comissão, desta vez para o norte da província. Nessa

altura já tinham nascido os meus dois filhos, e fui sozinho para lá, numa zona bem complicada junto à fronteira com o que é hoje o Malawi. Para se ter uma ideia do que era a tropa naquela altura, só conheci o meu filho quando ele tinha 22 meses.

### **Seguiu-se Angola...**

Em 1969 estive em Tomar a formar um batalhão e segui para o norte de Angola, perto da fronteira com o Congo. Pouca convivência tínhamos com civis, a não ser alguns indígenas, uma vez que não havia população branca naquela zona. Era uma área tão isolada que só recebíamos abastecimento por via aérea. Apesar de todas as dificuldades, o ambiente era bom. Jogávamos futebol e havia muita camaradagem.

### **Só faltava mesmo a Guiné...**

Voltei em 1972 e, no ano seguinte, fui fazer mais uma comissão, desta vez na Guiné. Fui para o olho do furacão, para o Batalhão de Comandos indígenas. Só lá estive oito dias. Aquilo não era para mim. Pedi para mudar e fui colocado na secretaria do Hospital Militar de Bissau.

### **A Guiné era mesmo o cenário mais complicado?**

Pelo número de doentes e sinistrados que vi enquanto estava em Bissau, percebi que ali a guerra era algo muito sério e muito mais intenso do que em Angola ou Moçambique.

### **É então na Guiné que vive o 25 de Abril. Como foi esse momento?**

Estava precisamente em Bissau quando soube que algo se passava em Lisboa. Foi muito surpreendente para mim, nem queria acreditar. Não acreditava mesmo. Foi o comandante da minha companhia, que fazia parte do movimento, que me garantiu que era mesmo verdade. Eu não sabia rigorosamente de nada.

### **E não teve impacto imediato no teatro de operações?**

Os militares continuaram a lutar. Para nós, apesar de ter havido uma revolução, a guerra continuava até termos ordens em contrário. E isso só aconteceu depois.

### **Mas não acha que só uma resolução política podia pôr fim à guerra?**

Sempre achei isso. Pensou-se que

Marcelo Caetano pudesse ser uma solução, mas para mim ele foi um fantoche nas mãos dos grandes empresários portugueses. Faltou-lhe força e coragem para resolver os problemas. Não li o livro de Spínola, mas sentia mais ou menos o mesmo. Podíamos ter evitado fazer a descolonização que fizemos que, não sendo perfeita, porque não foi, foi a possível naquelas circunstâncias. O caso da Guiné foi o pior. Hoje é um estado falhado muito por culpa disso.

### **Quando voltou da Guiné e que Portugal encontrou?**

A 10 de outubro de 1974, no penúltimo avião de militares portugueses que saíram da Guiné. No dia seguinte partiu o general Fabião, no último. Encontrei um Portugal agitado, porque estive uns meses em Lisboa, em Campolide, onde integrei o Batalhão de Caçadores 5, na Comissão Liquidatária das contas da guerra na Guiné. Depois, em março de 1975, sou colocado em Faro e já não assisti aos períodos mais conturbados do PREC em Lisboa, apesar de se sentir muita agitação social e militar também no Algarve, sobretudo casos de indisciplina.

### **Quando acabou a carreira militar no ativo?**

Foi em 1984, já com o título de Sargento-

Mor, depois de voltar a passar por Lagos, uma vez mais, onde finalmente entrei na reserva. Posso dizer que acabei onde comecei, ou seja, na minha terra e dos meus antepassados.

### **Apesar da reserva, continuou ativo em causas públicas...**

Foi vice-presidente da direção e presidente da Mesa da Assembleia-Geral da Filarmónica 1.º de Maio, dando sequência ao legado do meu pai. Aquela casa é a paixão da minha vida e fico muito feliz por saber que o meu filho, um excelente flautista, continuará o legado musical da família.

### **Olhando para trás, como vê o 25 de Abril?**

Foi um dia de liberdade que hoje, infelizmente, está completamente adulterado. Tenho muito orgulho de ter sido militar e do facto de terem sido militares a fazer a revolução, mesmo que eu não tenha estado envolvido. Os militares abriram caminho para construir um Portugal diferente, mas não foi isso que aconteceu. Talvez tenham de ser os militares, de novo, a resolver alguns dos problemas que a nossa sociedade atravessa. Infelizmente, acho que está uma guerra mundial a caminho e nós não estamos minimamente preparados para ela. •

*«Sabíamos quem eram [os PIDES] e quem eram os bufos»*



JOSÉ MANUEL FREIRE POLÍTICO E AUTARCA

# «O 25 de Abril foi o dia mais feliz da minha vida»

**Nasceu em 1949**, na antiga freguesia de São Sebastião, onde viveu os primeiros 25 anos da sua já longa vida. Aos 11 ficou órfão de pai e foi a mãe, conserveira de profissão, que tomou as rédeas da casa e da sua educação. Foi precisamente a sua mãe, que ouvia rádios clandestinas, que lhe colocou no sangue a importância da luta por melhores condições de vida de uma sociedade amordaçada pela ditadura salazarista. José Manuel Freire é um filho de Lagos que nunca deixou de lutar. A vida pode ter-lhe tirado a visão, mas no seu íntimo conseguiu sempre ver o que era mais importante: a luta pela Liberdade.



## Como era essa cidade de Lagos do Estado Novo?

Era uma cidade muito mais pequena do que é hoje, onde as crianças como eu brincavam na rua em grupos informais e sem bens materiais. A casa onde vivia, bem no centro histórico, não tinha condições mínimas de habitabilidade, mas como crianças acabávamos por tentar viver dentro da normalidade possível.

## Uma cidade ainda muito virada para o mar...

Sim, onde a indústria conserveira tinha um papel determinante. Com a construção da Avenida, tudo o que estava relacionado com a pesca saiu dessa zona

e a cidade mudou. Lembro-me bem das dificuldades que aquela gente passava, quer sejam os pescadores, quer sejam os operários das fábricas que aqui havia.

## A consciência política chegou nessa altura?

Por aí, até porque a indústria conserveira começou a entrar em declínio e o Turismo começou a despontar. Víamos os estrangeiros e perguntávamo-nos porque não podíamos também nós ter férias e passear. A minha mãe ouvia rádios clandestinas, sempre com um cobertor por cima da cabeça para os vizinhos não ouvirem, pois apesar de ter apenas a quarta classe era uma das líderes

da luta pela melhoria das condições de trabalho das mulheres operárias e tinha muita influência sobre as suas colegas.

## A luta passava também pela informação...

Havia censura e só pelo Jornal Avante, distribuído de forma muito discreta e feito num formato que dava para esconder se fosse necessário, sabíamos do que se passava.

## Quando começou a trabalhar sentia essa revolta dos trabalhadores?

Trabalhei na IMAAL, a fábrica de mármore do Sargaçal, onde é hoje o Paintball, antes de ir para o Centro de

*«50 anos depois é preciso continuar a segurar as conquistas e avançar.»*



SÃO GONÇALO

#010  
ABRIL  
2024

27

Emprego de Portimão. As conversas com os colegas da fábrica não eram muito políticas, nem revolucionárias, mas falávamos da guerra e dos mortos que ela deixava. Sabia de pessoas que eram perseguidas pela PIDE e quem era preso, mas não era muito próximo dessas pessoas. Em Silves a contestação era maior do que em Lagos, mesmo havendo indústria.

#### **E como foi o seu 25 de Abril?**

No dia 25 de abril não cheguei a ir trabalhar porque ouvi os comunicados que já estavam a passar na rádio. Ao início pensei que seria algo circunscrito a Lisboa, mas cedo percebi que era avisado ficar em casa. Foi só pelo jornal, dias depois, que percebi que até os militares de Lagos participaram na revolução, apesar do comandante ter estado algo reticente...

#### **Pode-se dizer que em Lagos não houve um 25 de Abril mas sim um 27 de Abril...**

Sim, esse foi o grande dia na nossa cidade. Dois dias depois de Lisboa, já com a plena consciência do que tinha acontecido, o povo de Lagos foi para a rua e eu estive lá, com muito orgulho, naquela Praça Gil Eanes que transbordava de pessoas e de alegria. Uns dias depois, no primeiro 1.º de Maio em liberdade, fizemos uma arruada pela cidade para vincar a nossa posição.

#### **Como recorda esse dia?**

Basta dizer isto: foi o dia mais feliz da

minha vida, um dia que transformou o Portugal triste que havia naquela altura, para um país livre.

#### **Depois seguiu-se o PREC e toda a luta revolucionária.**

#### **Como foi o seu envolvimento nesses tempos conturbados?**

Nos primeiros dias houve uma sequência de eventos que nem pareciam verdade. Havia disponibilidade das pessoas para virem para a rua e para falarem. Foi na Casa da Cultura que as primeiras reuniões políticas começaram a surgir. A sede da Mocidade Portuguesa foi tomada e transformada na Casa da Juventude, onde os jovens eram levados a participar politicamente. Foi nestes sítios que se começou a desenhar aquilo que seria necessário fazer e a maneira mais justa de o fazer.

#### **Como avalia o PREC em Lagos?**

Havia grandes divergências entre todos os envolvidos, tendo o MFA tido um papel importante na transição. Lagos tinha um grupo de pessoas ligadas ao Partido Comunista que viviam na clandestinidade há já muito tempo e estavam desfasadas com a realidade, depois havia outras ligadas ao PS que não tinham nenhuma experiência organizativa e os poucos que tinham, os chamados «velhos republicanos», já não eram novos e não tinham energia para liderar processos revolucionários. Posso dizer que o PREC não teve grande expressão aqui em Lagos por estes motivos. Havia algumas reticências em algumas situações e uma porção da população que tinha receio que tudo viesse

para trás, por isso era tudo conversado e decidido com muita cautela.

#### **O que mudou em concreto?**

As pessoas começaram a tomar pelas suas mãos as mudanças e aquilo que era pretendido. O poder local democrático permitiu a todas as pessoas poderem ser motores de mudança. O 25 de abril deixa um grande legado que está relacionado com a habitação, pois antes havia um problema muito grande com a falta de casas que foi atenuado com a intervenção da Câmara e de cooperativas de habitação. Nos dias de hoje, uma solução como a encontrada na crise da construção de 1975 faz falta.

#### **Também na Educação mudou muito...**

Diria que mudou tudo ou quase tudo e ainda bem. Com a ajuda de algumas comissões de moradores ajudei na alfabetização da população, sobretudo com mulheres mais velhas que apenas queriam poder enviar um postal. Foi esse processo que me ajudou a ter mais conhecimento sobre o que era Lagos e as suas gentes.

#### **O que sobra desse Abril de 74?**

50 anos depois é preciso continuar a segurar as conquistas e avançar. Houve alguns retrocessos, como é o caso da saúde e da habitação, mas temos de trabalhar para conseguir seguir em frente. Considero vital que haja mais poder descentralizado e que as autarquias possam decidir os destinos da comunidade, mas para isso precisam de mais meios e competências próprias. •

# «A mudança de regime tinha de acontecer»

**Farese de nascimento,** João Moreira é uma das figuras mais reconhecidas na comunidade lacobrigense por tudo o que fez ao longo da sua longa vida de 80 anos. Filho de uma família de lacobrigenses há mais de oito gerações, foi um dos primeiros a formar-se superiormente na área da gestão turística, mais precisamente na Suíça, o que o colocou em posição cimeira quando, a partir dos anos 60, o turismo explodiu na nossa região. Fomos conhecer melhor o seu percurso e perceber de que forma a «revolução dos cravos» influenciou a vida deste empresário e da sua família.



## Como surgiu Lagos na sua vida?

Está no meu sangue porque a minha família é lacobrigense há mais de oito gerações. É verdade que nasci em Faro, em virtude da vida profissional do meu pai que trabalhava na Caixa Geral de Depósitos, mas logo aos 5 anos vim morar para Lagos, para a casa do meu avô materno, quando o meu pai foi colocado em Beja.

## O percurso escolar começou então por aqui...

Fiz a instrução primária toda na Escola do Bairro Operário. Só no primeiro ano do Liceu é que fui para Beja.

## O seu pai, enquanto funcionário público, esteve ligado ao regime?

Nunca estive e por se ter recusado a filiar-se na União Nacional teve problemas. Uma das represálias que essa decisão lhe causou foi a constante troca de balcão em balcão da Caixa. Foi por isso que passou por Faro, Beja, Porto, Lisboa, Olhão, Viana do Castelo e apenas perto da reforma conseguiu ser colocado em Lagos.

## E o João acompanhou-o sempre?

Não. Aos 14 anos voltei para Lagos e fiz o 6.º e 7.º ano num colégio de Portimão. Ainda não sabia o que iria fazer na vida, mas acabei por ser influenciado pelo meu irmão que era oficial da Força Aérea e estava colocado em Angola.

## As forças armadas eram uma boa saída para quem tinha curiosidade de correr o mundo...

Era e eu sempre tive essa vontade de sair e conhecer o mundo, sobretudo por vivermos num país tão fechado como era Portugal no Estado Novo. Quando tinha 18 anos, o meu avô vendeu uma propriedade e deu-me 500 escudos para viajar. Fui à boleia, passear e conhecer pessoas por essa Europa fora.

## Acabou também por estar relacionado indiretamente ao regime.

**Conte-nos como isso aconteceu...**  
Inscrevi-me na Mocidade Portuguesa para poder frequentar campos de trabalho lá fora. Foi nessa altura que fui para França, junto à fronteira com a

Alemanha, reconstruir o que tinha sido arrasado pela guerra. A destruição causada pela guerra impressionou-me muito e ainda me aguçou mais o desejo de conhecer mais. Foi por isso que voltei a fazer férias de verão, sempre à boleia, por essa Europa.

## Que momentos considera mais marcantes para Lagos e para o Algarve nessa altura?

No caso de Lagos, penso que a inauguração da Avenida dos Descobrimentos, em 1960, foi o mais relevante, porque modernizou muito a cidade. Para o Algarve, diria que foi a abertura do Aeroporto de Faro, um elemento vital para o crescimento do turismo na região.

## O João, pode-se dizer, foi um visionário nessa altura...

Quando terminei o Liceu em Portimão pensei tirar o curso de Económicas e Financeira, mas, por influência do meu irmão – que me assustou dizendo que se não passasse no exame iria ser mobilizado para a guerra, acabei por escolher

a Escola de Hotelaria de Lisboa. Passei no exame de admissão e fui morar para casa de familiares, em Lisboa.

### **Foi a partir daí que o Turismo entrou na sua vida?**

Sim, até porque a escola de hotelaria oferecia bolsas de estudo aos melhores alunos do curso que quisessem continuar a estudar nas melhores escolas hoteleiras da Europa. Como fiquei em primeiro lugar no meu curso, pude escolher seguir para a Suíça, com uma bolsa de estudos paga pela OCDE. Foi lá que estudei gestão hoteleira e, no final do curso, surgiu a possibilidade de fazer estágio no Hotel Penina, que estava para abrir, como responsável pelo economato.

### **E quando surge a Força Aérea?**

Em 1968 fui chamado para a tropa e entrei na Escola de Administração Militar. Depois, muito por influência do meu irmão, fui para a Força Aérea, onde estive colocado na Direção de Serviços de Intendência e Contabilidade. Quando saí, em 1971, já tinha três filhos e família constituída.

### **É já depois do regresso à vida civil que é surpreendido pelo 25 de Abril?**

É, mas não foi grande surpresa porque sabia o que se estava a passar, tanto por amigos que tinha conhecido na Escola de Hotelaria, como pelas informações que meu o irmão me ia passando. Sabia que um momento importante estaria por perto.

### **E como foi esse dia para si?**

Completamente normal. Estava em Lagos, muito longe do epicentro da revolução, e não senti ou vi algo de diferente, pois trabalhava com turistas e nada foi influenciado.

### **E como foram os anos seguintes?**

Depois do 25 de abril a situação foi ficando muito complicada. O primeiro ano e meio foi calmo, mas, a partir daí, começaram os problemas, sobretudo com os sindicatos que começaram a querer fazer greves por todos os motivos possíveis e imaginários.

### **Não deveria ser fácil conduzir um negócio, como a hotelaria, com o país em convulsão**

### **social permanente...**

Tanto não era que, em 1977, sentia-me cansado com o que se passava no País e inscrevi-me para ser bolseiro na Universidade de Cornell, na chamada "Universidade de Verão". Foi aí que estudei o novo modelo de férias que estava a surgir na altura, que era o time sharing, assim como gestão de restauração.

### **Estava à frente do seu tempo...**

Penso que sim. Em Portugal, esses conceitos ainda não existiam, mas já se sabia o potencial que o Algarve tinha para se transformar num destino de massas. Por isso, em 1978 comprei a empresa onde trabalhava, consegui melhorar o negócio, e juntamente com o meu sócio, iniciámos investimentos em terrenos e prédios para uso turístico. Foi nessa altura que também investimos em restaurantes, maioritariamente na Praia da Luz.

### **Dos três «D» da revolução, o «D» do Desenvolvimento foi o último a ser cumprido. O que poderia ter sido feito de melhor?**

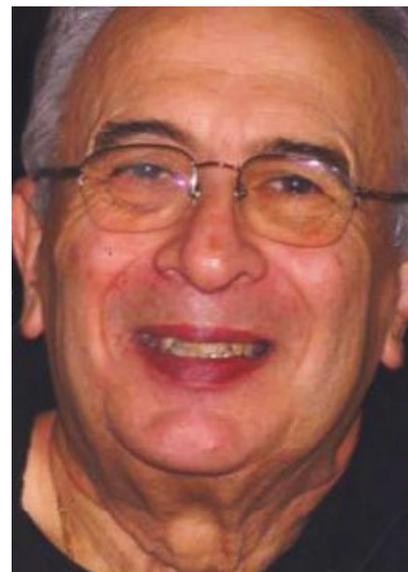
No caso do Algarve, houve muita especulação e muitos abusos, sobretudo por parte dos grandes grupos económicos que procuravam o lucro fácil e imediato. Houve muitos erros, sobretudo na área do urbanismo, e o turismo perdeu qualidade assim que a massificação começou.

### **Como vê a evolução do turismo no futuro?**

O turismo deu um salto enorme nos últimos anos, com o advento da internet e das reservas online. As agências de viagens tradicionais, com pacotes de viagens e estadias, estão cada vez mais a cair em desuso e muitas estão com dificuldades financeiras. Por isso, não sei bem como será o futuro do Turismo com as constantes mudanças que estão a acontecer. Quanto a Lagos, continua a ser uma boa surpresa para quem nos visita, sendo que, com a transformação iniciada com a abertura da Marina, que em breve será alargada e melhorada, estamos no bom caminho, com uma aposta centrada no turismo de qualidade.

### **Valeu a pena o 25 de abril?**

A mudança de regime tinha de acontecer. Se não fosse nessa altura, seria outra, mas ia acontecer. •



*«[O 25 de Abril] não foi uma grande surpresa para mim, porque sabia que algo estava para acontecer»*



**JOAQUIM SANTOS** EMPRESÁRIO DA ÁREA DA CONSTRUÇÃO

# «O 25 de Abril parecia um sonho»

**Tinha três décadas** de vida quando o clamor revolucionário ecoou em Portugal. Joaquim Santos, mais conhecido em Lagos como «Joaquim da Brechal», viveu toda a vida à volta das grandes pedreiras e foi lá que sentiu a mudança do País, sobretudo em pleno PREC. Fomos conhecer melhor a história de vida de um homem que ouvia a Rádio Portugal Livre à noite na praia do Porto de Mós e mais tarde teve de minimizar os erros dos patrões da fábrica onde trabalhava, quando fugiram de Portugal após o 25 de Abril.

## **Como foi a sua vida na infância e juventude?**

Vivi em Lagos toda a vida, porque toda a minha família era algarvia. Lagos era então uma cidade pequena, onde toda a gente se conhecia. Assisti, enquanto criança, à chegada dos primeiros turistas, primeiro os franceses, depois os ingleses. Lembro-me de até os convidarmos para entrar em nossa casa para provar as nossas sardinhas assadas. Havia poucos carros e eu, sempre que podia, andava descalço. Quase metade da cidade estava ligada ao mar e havia muito o hábito do sistema de troca diretas entre pescadores e agricultores, por exemplo.

**A sua família também esteve sempre ligada à indústria. Foi nesse campo que ganhou consciência política?**

A minha mãe era trabalhadora de uma fábrica de conservas e ia trabalhar ao som do apito. Quando chegava o peixe, o apito tocava e elas tinham de largar tudo o que estavam a fazer para ir trabalhar. Era uma vida muito dura e eu acabei por ser criado quase na fábrica. O meu pai era mais politizado e aconselhava-me a ter cuidado porque havia muitos bufos na cidade. Foi por ele que comecei a tomar consciência do regime em que vivíamos.

**Enquanto jovem foi subversivo?**

Era bom aluno e ainda pensei ir para seminário para poder continuar os estudos. Não fui porque percebi que queria casar e não ser padre. Era um jovem normal, que não pensava muito na política, mas lembro-me de ir para a Praia do Porto de Mós, com alguns amigos, ouvir o Manuel Alegre na Rádio Portugal Livre, que emitia a partir da Argélia. Irritava-me estar com amigos na rua, a falar de namoradas e da vida, e passar uma patrulha da guarda que nos mandava para casa. Aquilo não fazia sentido nenhum.

**Entretanto começou a sua carreira profissional...**

Comecei a trabalhar cedo, logo em fábricas e sempre na área dos mármores. Primeiro fui para a fábrica do João Afonso Caetano. Era um trabalho muito duro, onde não havia grandes condições para os trabalhadores, nem cuidados com questões básicas de segurança no trabalho, sendo que ganhávamos muito mal. Mais tarde, continuei na mesma área mas mudei para a IMAAL, onde é hoje o Hotel Tivoli, mas mudámos depois para o Sargaçal. Era uma fábrica muito grande, que chegou a ter mais de 300 trabalhadores, que trouxe muita inovação e que pagava acima do normal, o que era algo que não estávamos à espera. Estive lá desde 1964 até 1981 e foi lá que passei pelo 25 de abril.

**Esteve no Ultramar?**

Fiz tropa, primeiro a recrutar em Elvas e depois a especialização em Lisboa. Fui para a Beira, em Moçambique, para a guerra colonial. Uma guerra que todos sentíamos que não fazia sentido. A maioria dos meus camaradas na guerra eram



do Norte e eles eram mais conformados com a situação. Já os do Sul, como eu, estavam mais revoltados com aquela realidade.

**Voltou um homem diferente?**

Voltei em 1967 e era um homem diferente que viu que Lagos e Portugal também estavam diferentes. Com a queda de Salazar da cadeira, percebeu-se que o regime podia também cair, fruto sobretudo do desgaste da guerra colonial.

**E como viveu o dia 25 de Abril?**

Estava a trabalhar e comecei a ouvir na rádio que havia uma revolução em curso em Lisboa. Mesmo sem sabermos o que era, largámos o trabalho e viemos

*«O meu pai aconselhava-me a ter cuidado porque havia muitos bufos na cidade»*



para o centro da cidade para perceber melhor o que seria tudo aquilo. Foi um dia excepcional, uma alegria imensa. Por vezes, nem acreditávamos no que estava a acontecer. Parecia um sonho. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

#### **Como viveu esses dias únicos?**

No dia 27 estive no Largo Gil Eanes a ouvir discursos e a festejar. Foi só aí que percebi que não era um sonho. Estávamos mesmo em liberdade!

#### **Depois veio o PREC...**

Os patrões, a família Vaz Pinto, foram embora, muito por culpa dos conflitos existentes no Hotel Lagos, que também era deles. Os problemas eram muitos e já vinham de trás. Foi só nessa altura que percebemos que os descontos dos trabalhadores para a Segurança Social não tinham sido pagos, só para dar um exemplo. Houve muita gente prejudica-

da nas suas reformas por causa disso e essa família, como muitas outras, tinha sido protegida pelo Estado Novo.

#### **Quando surge a sua empresa, a famosa Brechal?**

Foi em 1981 que acabei por ajudar a criar a Brechal, muito por culpa do conhecimento adquirido, mas também por perceber que poderíamos melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores se começássemos algo a partir do zero. E assim foi, entre 1981 e 2003, altura em que vendi a minha cota na empresa.

#### **Valeram a pena estes 50 anos de Democracia?**

Valeu sim, sobretudo pela conquista da Liberdade. Sem liberdade não há nada. A juventude tem mesmo de perceber isso, para não voltarmos a cometer os erros do passado. A todos os que fizeram a revolução, só posso dizer «muito obrigado». •





## DESPORTO DE A A Z GOLFE

# Clube de Golfe de Lagos

Fundado em 1994, o Clube de Golfe de Lagos é uma instituição públicas desportiva que visa a promoção da prática do golfe na nossa freguesia e concelho. Localizado numa das regiões do país onde a modalidade tem mais expressão, como é o Algarve, naturalmente que o clube beneficiou ao longo dos anos da participação de muitos estrangeiros residentes que trouxeram com eles a paixão pelo golfe, com particular incidência para a comunidade britânica.

Porém, com o passar dos anos, o Clube foi evoluindo, passando a organizar as suas próprias provas, abertas a sócios e não sócios, nunca esquecendo a participação de jovens atletas, como frequentemente acontece nos torneios que promove, tais como o Troféu Gramacho, Troféu Boavista ou

Troféu Chef Lourenço, entre outros.

Sendo uma modalidade onde a concentração impera, assim como o contacto com a Natureza, importa referir que tem sido feito um esforço no sentido de democratizar o acesso a públicos historicamente menos familiarizados com o golfe, desde logo o setor feminino, numa primeira fase, e os escalões de formação nos últimos anos.

Nesta fase, as atividades do clube estão localizadas no Campo de Golfe dos Palmares, apesar do Clube de Golfe de Lagos continuar com atividades pontuais noutros campos da região, como é o caso do Golfe da Boavista, único campo da nossa freguesia. •



## CLUBE DE GOLFE DE LAGOS

### Morada

Travessa Vasco da Gama - Edif. Panorama,  
Loja 4 Apartado 824 - 8601-901 Lagos

### Telefone

(+351) 918 096 974

### E-mail

clubegolfedelagos@gmail.com

### Facebook

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100057286105305>

# Monumento *Liberdade, Diálogo e Democracia*



Em Lagos ficou conhecido como a *Rotunda das Cadeiras*, mas o seu nome oficial é Monumento Liberdade, Diálogo e Democracia. Num número em que falamos da revolução de Abril, nada como destacarmos uma estrutura comemorativa da revolta dos capitães, situada na nossa cidade.

O monumento, situado em plena Avenida da República, é composto por

sete cadeiras luminosas dispostas em círculo, representando os elementos da Terra, Homem, Diálogo, e Luz, numa base em forma de calote semiesférico.

O monumento, planeado pela artista Vera Gonçalves, comemora o diálogo e o período de 25 anos de democracia que se seguiram à Revolução de 25 de Abril de 1974. Ao mesmo tempo, é também uma alusão às mu-

danças sociais, políticas e económicas na transição para o terceiro milénio. Segundo a artista, a «confraternização e o diálogo são os meios através dos quais se pode chegar ao consenso, à liberdade e aos ideais da democracia».

Inaugurado em 1999, durante as comemorações do 25 de Abril em Lagos, a obra foi alvo de obras de requalificação em 2019, que incluíram a reabilitação da base e a substituição das antigas cadeiras por sete novas, igualmente da autoria de Vera Gonçalves.

Os trabalhos foram oficialmente concluídos em 14 de Dezembro desse ano, com a introdução de uma nova estrutura, em ferro. De acordo com a autora, com esta alteração o monumento deixou de apresentar uma aparência «monolítica», passando a simbolizar uma «encruzilhada de direções», embora continue a «evocar os ideais de outrora e a convidar, ainda mais, à multiplicidade de novos entendimentos». •

## *Sophia de Mello Breyner, a poetisa de Abril!*

Pela primeira vez, neste espaço, não falamos de um ou de uma lacobrigense de nascimento, mas sim de eleição. Num número onde se aborda a revolução de Abril, nada mais apropriado do que destacar o nome de Sophia de Mello Breyner Andresen, portuense de nascimento que escolheu Lagos como porto de abrigo durante uma parte significativa da sua vida, sendo que essa escolha ficou plasmada na sua obra, como adiante veremos.

Sophia Melo Breyner Andresen nas-

ceu a 6 de novembro de 1919 no Porto, filha de Joana Amélia de Mello Breyner e de João Henrique Andresen. Tem origem dinamarquesa pelo lado paterno, uma vez que o seu avô, Jan Andresen, desembarcou um dia no Porto e nunca mais abandonou esta região, um pouco à imagem do que a neta fez em relação a Lagos. A mãe, Maria Amélia de Mello Breyner, é filha de Tomás de Mello Breyner, conde de Mafra, médico e amigo do rei D. Carlos. Maria Amélia é também neta do capitalista

Henrique Burnay, de uma família belga radicada em Portugal, e futuro conde de Burnay.

Iniciou os estudos no Colégio Sagrado Coração de Jesus e foi criada na velha aristocracia portuguesa. Educada nos valores tradicionais da moral cristã, foi dirigente de movimentos universitários católicos quando frequentava Filologia Clássica na Universidade de Lisboa, que nunca chegou a concluir. Colaborou na revista «*Cadernos de Poesia*», e tornou-se numa das figuras

mais representativas de uma atitude política liberal, apoiando o movimento monárquico e denunciando o regime salazarista e os seus seguidores. Ficou célebre como canção de intervenção dos Católicos Progressistas a sua «Cantata da Paz», também conhecida e chamada pelo seu refrão: «Vemos, Ouvimos e Lemos. Não podemos ignorar!»

Casou-se, em 1947, com o jornalista, político e advogado Francisco Sousa Tavares, tendo sido pais de cinco filhos, entre eles o jornalista e escritor Miguel Sousa Tavares. Em 1964 recebeu o Grande Prémio de Poesia pela Sociedade Portuguesa de Escritores pelo

seu livro *Livro sexto*, e foi nessa década que descobriu Lagos, o seu porto de abrigo, o local onde passava férias e que a inspirou desde sempre, não só pelas suas praias e paisagens naturais, mas também pelas suas gentes que Sophia nunca esqueceu.

Já depois da Revolução de 25 de Abril, foi eleita para a Assembleia Constituinte, em 1975, numa lista do Partido Socialista, enquanto o seu marido navegava rumo ao Partido Social Democrata.

Distinguiu-se também como contista (*Contos Exemplares*) e autora de livros infantis (*A Menina do Mar*, *O Cavaleiro da Dinamarca*, *A Floresta*, *O Rapaz de*

*Bronze*, *A Fada Oriana*, etc.). Foi também tradutora de Dante Alighieri e de Shakespeare e membro da Academia das Ciências de Lisboa. Para além do Prémio Camões, foi agraciada com um Doutoramento Honoris Causa em 1998, pela Universidade de Aveiro, e foi também distinguida com o Prémio Rainha Sofia, em 2003.

Sophia de Mello Breyner Andresen faleceu, aos 84 anos, no dia 2 de Julho de 2004, em Lisboa, sendo que o seu corpo foi trasladado, em 2014, por decisão unânime da Assembleia da República para o Panteão Nacional com honras de Estado. •



SÃO GONÇALO

#010  
ABRIL  
2024

35

## Lagos

Lagos onde reinventei o mundo num verão ido  
Lagos onde encontrei  
Uma nova forma do visível sem memória  
Clara como a cal concreta como a cal  
Lagos onde aprendi a viver rente  
Ao instante mais nítido e recente

Lagos que digo como passado agora  
Como verão ido absurdamente ausente  
Quase estranho a mim e nunca tido

Foi um país que eu encontrei de frente  
Desde sempre esperado e prometido  
O puro dom de ter nascido  
E o sol reinava em Lagos transparente

Lagos lição de lucidez e liso  
Onde estar vivo se torna mais completo  
— Como pode meu ser ser distraído  
De sua luz de prumo e de projecto?

Ou poderemos Abril ter perdido  
O dia inicial inteiro e limpo  
Que habitou nosso tempo mais concreto?

Será que vamos paralelamente  
Relembrar e chorar como um verão ido  
O país linear e transparente

E sua luz de prumo e de projecto?



**25 DE ABRIL**  
**50 ANOS**

1974



2024